Ameaças Transnacionais e a Sobrevivência do Estado: Um Papel para o Militar?

Paul J. Smith

Traduzido da revista *Parameters, Autumn 2000*

EM 20 DE AGOSTO de 1998, uma quantidade desconhecida de navios e submarinos da Marinha dos EUA, localizados nos mares Vermelho e Arábico, lançaram mais de 79 mísseis num ataque simultâneo sobre supostos alvos terroristas no Afeganistão e Sudão. Os mísseis destinados ao Afeganistão tinham como alvo o campo de Zhawar kili Al-Badr, um suposto campo de treinamento terrorista localizado a 160 quilômetros a sudeste de Cabul, a capital do país. O alvo no Sudão era uma fabrica suspeita de estar produzindo precursores químicos para o agente VX (ataca o sistema nervoso).

Os ataques foram realizados como parte da reação dos EUA aos ataques terroristas contra as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia. De acordo com os relatórios da imprensa e do governo, os mísseis acertaram os alvos de acordo com o que havia sido planejado e o governo dos EUA, subseqüentemente, considerou que os ataques foram um sucesso.

Na medida em que as duas operações foram essencialmente ataques de um estado contra entidades não estatais, porta-vozes do governo americano se mostraram inquietos quando questionados sobre o envolvimento terrorista por parte dos governos do Sudão e Afeganistão. Além disso, porta-vozes militares dos EUA se recusaram a prestar informações sobre os danos, devido ao receio de que isto poderia dar alguma informação vital às organizações terroristas. Em defesa da política governamental em manter a natureza secreta da operação, o General Hugh Shelton observou que tal tipo de operação antiterrorista exigia "técnicas diferentes" porque "o jogo é outro hoje em dia".[1]

Apesar de que os ataques dos EUA no Afeganistão e Sudão foram vistos como reações inequívocas ao terrorismo global, em muitos aspectos foram símbolos de uma tendência bem maior: a de que as nações começam a depender de suas forças militares para lidar com ameaças à sua segurança na era pós-Guerra Fria, de caráter transnacional, não especificamente oriundas dos estados.

Cada vez mais, governos estão caracterizando os problemas antes considerados do ramo da polícia ou saúde pública como desafios à segurança. Alguns exemplos dessas ameaças emergentes incluem o crime organizado transnacional, terrorismo, tráfico de armas, epidemias e migrações ilegais. Ao contrário das ameaças tradicionais à segurança do estado, essas ameaças internacionais, muitas vezes, surgem lentamente e suas causas e efeitos nem sempre são óbvios.

Com o crescimento dos desafios à segurança transnacional mundo afora, os líderes e planejadores militares encaram a quase inevitável realidade de que as forças armadas serão empregadas contra eles nas décadas futuras. Porém, esta tendência não ocorre sem controvérsia. Alguns líderes militares se opõem veementemente ao uso de forças militares em operações de não guerra por uma variedade de motivos, incluindo o temor de que tais missões interfiram com a prontidão e o treinamento militares. Mesmo assim, os governos estão começando a descobrir que as agências civis, que normalmente enfrentariam estes problemas — tais como a polícia, saúde, ambiente ou imigração — não podem lidar com a magnitude dos problemas que estão surgindo. Esta tendência implica numa mudança radical de como os países irão empregar suas forças armadas em épocas vindouras. Mais importante, porém, é que sugere um novo papel fundamental para as forças militares do século XXI.

Assuntos de segurança transnacional: definindo a ameaça

Como diz o título, assuntos de segurança transnacional são ameaças não militares que cruzam fronteiras e ameaçam a integridade política e social de uma nação ou a

saúde de seus habitantes. Assim, tais assuntos podem ser vistos como ameaças que tendem a "degradar a qualidade de vida dos habitantes de um estado".[2] Ameaças ou desafios tipicamente internacionais chegam a uma nação em particular por sua natureza intrínseca (como exemplo a poluição atmosférica) ou por causa de fronteiras porosas, resultantes de políticas governamentais que representam a falha ou a incapacidade de restringirem ou controlarem a entrada de imigrantes. Outrossim, desafios à segurança transnacional são distintos de outras ameaças mais tradicionais pelas suas tendências a não se manifestarem dentro de um único evento definitivo ou período de tempo. Em contraste a tradicionais ameaças à segurança — tais como o impasse nuclear entre a Índia e o Paquistão, ou a campanha dos Servios em Kosovo — aqueles desafios muitas vezes não são uma crise com "ponto de enfoque", onde os líderes possam concentrar sua atenção e esforço.

Apesar de que os ataques dos EUA no Afeganistão e Sudão foram vistos como reações inequívocas ao terrorismo global, em muitos aspectos foram símbolos de uma tendência bem maior: a de que as nações começam a depender de suas forças militares para lidar com ameaças à sua segurança na era pós-Guerra Fria, de caráter transnacional, não especificamente oriundas dos estados. Cada vez mais, governos estão caracterizando os problemas antes considerados do ramo da polícia ou saúde pública como desafios à segurança. Alguns exemplos dessas ameaças emergentes incluem o crime organizado transnacional, terrorismo, tráfico de armas, epidemias e migrações ilegais. Ao contrário das ameaças tradicionais à segurança do estado, essas ameaças internacionais, muitas vezes, surgem lentamente e suas causas e efeitos nem sempre são óbvios.

Complicando a situação está o fato de que muitos dos problemas internacionais vêm de atores não estatais tais como os criminosos internacionais, terroristas ou contrabandistas de imigrantes ilegais — pouco se incomodando com normas ou regras internacionais de governos. De fato, muitos deles gastam considerável energia simplesmente tentando iludir ou evitar funcionários governamentais, tornando praticamente impossível negociações pessoais ou repreensões. Outrossim, os desafios internacionais muitas vezes surgem com sutileza, a longo prazo, tornando-os particularmente difíceis para governos que, por motivos de política doméstica, priorizam os problemas de curto prazo. A degradação ambiental e as enfermidades infecciosas, por exemplo, são problemas transnacionais de causas complexas que vêm surgido há várias décadas. Um governo que está atarefado com as próximas eleições (ou outros assuntos domésticos) poderia facilmente ignorar ou não perceber o surgimento dos sinais sutis de tais situações e legar o problema aos futuros governos e gerações.

O aumento das ameaças à segurança transnacional refletem numerosas mudanças econômicas, sociais e políticas que têm ocorrido no mundo desde o final da Guerra Fria. A nova era de globalização trouxe um crescimento econômico, comercial e de migração transnacional sem precedentes. Ao mesmo tempo, a revolução nas comunicações continua a se expandir, trazendo novas idéias e oportunidades a quase toda nação. Mas, assim como a globalização trouxe muitos benefícios sociais e econômicos ao mundo, também abriu as portas a elementos mais sinistros. Computadores e a Internet disseminam e processam informação de muita utilidade, mas também facilitam as atividades dos "criminosos e terroristas virtuais". Similarmente, fronteiras porosas, enquanto ideais para o turismo e comércio, também facilitam a passagem aos contrabandistas de drogas e terroristas. As mudanças políticas e sociais na antiga União Soviética, por exemplo, facilitaram uma era de maior pluralismo político e diálogo, mas também proporcionaram os meios para o crescimento do crime organizado e a entrada da atividade criminosa do exterior. Similarmente, o aumento do comércio fronteiriço na China, especialmente na região sudoeste do país, trouxe nova prosperidade econômica. Por outro lado, facilitou a entrada de drogas, de doenças e de imigrantes ilegais.

As tendências demográficas globais causam o aumento paralelo de diversos problemas internacionais. A urbanização em grande escala é uma realidade em muitos países em desenvolvimento. Em 1975, somente 38 por cento da população mundial vivia nas cidades. Até o ano 2025 este número aumentará para 59 por cento. A urbanização é considerada a maior responsável pelas epidemias das doenças infecciosas, algumas das quais se tornam endemias internacionais. O crescimento de áreas urbanas também pode piorar problemas ambientais, já que os níveis da poluição da água e do ar, nas maiores cidades do mundo, não

dão sinais de abatimento. Se residentes urbanos não forem capazes de se empregarem, podem se unir a bandos de criminosos e se tornarem uma ameaça à ordem civil.

Outra tendência demográfica é a migração transnacional. A maior parte do crescimento da população mundial ocorrerá nas próximas duas décadas nos países mais pobres do mundo, os quais não terão condições de lidar com os custos sociais e econômicos resultantes. A grande lacuna econômica entre as nações mais ricas e as mais pobres do mundo está motivando a migração maciça, em escala sem precedentes para o século XXI. Fora os fatores econômicos, a migração futura em escala maciça poderá ser estimulada por mudanças nocivas no meio ambiente, conflitos civis ou até o colapso do estado. O principal desafio na análise das ameaças à segurança transnacional está em determinar quais delas são as mais críticas. Muitos assuntos internacionais têm a ver com um número de campos acadêmicos e profissionais, como a sociologia, políciamento, medicina e demografia. Traçar a distinção entre o que é e não é um desafio transnacional pode ser uma tarefa frustrante e inatingível. Geralmente, porém, cinco amplas categorias representam as maiores ameaças à segurança humana, ao governo nacional e, finalmente, à estabilidade transnacional. Estas incluem o crime, o terrorismo e a migração internacionais, as doenças e endemias internacionais, a degradação ambiental e as mudanças climáticas.

Crime transnacional

O crescimento do crime organizado transnacional tem emergido como o principal fator de segurança na era pós-Guerra Fria. Ironicamente, uma economia cada vez mais global que incorpora o comércio transnacional, o turismo e o comércio de mercadorias e serviços, também está permitindo o fácil transporte do dinheiro de fontes ilícitas, dos narcóticos, e do material nuclear e a migração ilegal.[3] Muitos grupos do crime organizado tiram vantagem das comunicações globais e dos avanços em transporte para estabelecer bases em vários países, na busca do lucro ilícito. Grupos de criminosos russos, por exemplo, encontram-se ativos no Caribe, em Israel, na Europa Ocidental e nos EUA, entre outros países. Organizações criminosas chinesas estão na Ásia Oriental, nas Américas do Sul e Central, na Europa Ocidental e na América do Norte. Grupos criminosos da Colômbia estão presentes nas Américas, incluindo o Caribe, onde se acredita terem forjado alianças com suas contrapartidas russas.[4]

Em geral, sindicatos de crime organizado operam com um propósito principal: a aquisição de dinheiro ou outras formas de ganância material. Para adquirir esses lucros ilícitos, envolvem-se com empresas criminosas que incluem o tráfico de armas e de drogas, o contrabando de seres humanos, a prostituição, a fraude com cartões de crédito, extorsão, o jogo, os assassinatos, etc. Em alguns casos, entidades criminosas se especializam numa atividade em particular. Grupos nigerianos se especializam no tráfico da heroína, enquanto sindicatos colombianos se concentram na cocaína. Enquanto isso, alguns grupos de Taiwan aperfeiçoaram-se na arte do contrabando de pessoas. Mas entre os vários crimes internacionais, o tráfico de entorpecentes é provavelmente o mais significativo e pernicioso, não apenas pelo enorme lucro mas também porque sua atividade ilegal quase sempre resulta em violência colateral e em prejuízo à saúde. Globalmente, o tráfico de entorpecentes é considerado a terceira maior economia do mundo.[5] Em praticamente toda parte do mundo, este crime está aumentando, apesar das numerosas campanhas para erradicá-lo.

Como diz o título, assuntos de segurança transnacional são ameaças não militares que cruzam fronteiras e ameaçam a integridade política e social de uma nação ou a saúde de seus habitantes. Assim, tais assuntos podem ser vistos como ameaças que tendem a "degradar a qualidade de vida dos habitantes de um estado". Ameaças ou desafios tipicamente internacionais chegam a uma nação em particular por sua natureza intrínseca (como exemplo a poluição atmosférica) ou por causa de fronteiras porosas, resultantes de políticas governamentais que representam a falha ou a incapacidade de restringirem ou controlarem a entrada de imigrantes.

Como muitas formas de crime transnacional, o tráfico de narcóticos tem sido o feliz beneficiário da liberalização do comércio global e do relaxamento no controle das fronteiras. Na América do Norte, por exemplo, o Acordo Norte-Americano de Livre Comércio (*North American Free Trade Agreement —NAFTA)* tem ajudado a transformar a fronteira entre os EUA e o México em um dos corredores mais ativos do tráfico

de drogas. Aproximadamente 60 por cento da cocaína usada nos EUA — além de uns 30 por cento de heroína — é contrabandeada através da fronteira México/EUA.[6] Similares tendências também podem ser vistas em outras partes do mundo. Um aumento do comércio na fronteira e no fluxo da população entre a China e Myanmar (Burma), por exemplo, incrementou uma entrada de narcóticos no sudoeste da China. Num período de dois meses em 1997, a polícia na província de Yunnan descobriu 1371 casos relacionados com o tráfico de drogas e apreendeu mais de 994 quilos de ópio e heroína.[7]

O crime transnacional apresenta uma ameaça real ao Estado-Nação. Pode enfraquecer instituições em países com emergentes governos democráticos ainda não consolidados e fomentar a desconfiança em governos legítimos. O crime organizado russo, por exemplo, infiltrou-se na sociedade a tal ponto que muitos não confiam mais na capacidade do governo em prover um nível mínimo de proteção aos indivíduos, o que causou um grande aumento na indústria da segurança privada [8] Nos EUA, mais de 15.000 cidadãos americanos por ano perdem sua vida devido ao tráfico de narcóticos (incluindo a violência colateral gerada e os impactos na saúde).[9] A lavagem de dinheiro ameaça o sistema bancário e causa desconfiança sobre o sistema financeiro em si. Muitos governos das ilhas do Pacífico Sul têm tido a imagem de seus setores bancários prejudicada pelas alegações de lavagem de dinheiro do crime organizado, especialmente o proveniente de grupos criminosos russos.[10]

Terrorismo transnacional

O terrorismo transnacional foi um grande desafio do século XX e provavelmente continuará sendo ainda mais no século XXI. Motivados por ideologia política, separatismo nacionalista ou fanatismo religioso, terroristas no século XXI estarão mais determinados que nunca a causar destruição maciça e carnificina humana para avançarem suas causas particulares.

No passado, terroristas praticavam uma forma de "terrorismo constrangido" que enfocava menos na destruição que na publicidade. A imprensa mundial era a maior parceira do terrorismo. Grupos terroristas procuravam causar devastação e ruína para ganhar atenção, mas nem tanto para não perder o apoio popular.

A nova tendência, porém, parece ser de violência em grande escala. Causar violência e destruição maciça tem-se tornado uma meta em si, enquanto o desejo por publicidade evidentemente tornou-se secundário. Quando membros do culto religioso japonês *Aum Shin Rikyo* lançaram gás *sarin* dentro do sistema de trem subterrâneo de Tóquio em 1995, sua intenção era de matar milhares de pessoas, embora apenas 12 pessoas morressem e 5.000 ficassem feridas. Similarmente, a explosão, em 1993, no *World Trade Center* em Nova Iorque evidenciou o desejo dos terroristas de matarem milhares, apesar do número de feridos ter sido relativamente baixo. Na medida em que a violência maciça tem-se tornado objetivo do terrorismo moderno, a possibilidade de ameaça do terrorismo nuclear pode levar a magnitude da destruição física e humana a um nível jamais visto.

Assim como grupos internacionais criminosos, terroristas têm-se beneficiado da globalização e seus benefícios mais imediatos, incluindo a comunicação em massa, tecnologia e os avanços em serviços bancários (que providenciam o apoio financeiro indispensável para operações terroristas).

O imenso mercado global de armas — incluindo o mercado negro — proporciona arsenal aos grupos terroristas. Fronteiras porosas e a migração transnacional também têm um papel em facilitar o terrorismo moderno.

A habilidade do terrorista em entrar e sair dos países depende de sua capacidade em poder evitar ou ludibriar os sistemas de controle de imigração — isso explica seu interesse no comércio de passaportes fraudulentos e vistos falsos. Um estudo recente do Departamento de Justiça dos EUA revelou que o *U.S. Visa Waiver Pilot Program*, um programa que permite a entrada de visitantes de 26 nações sem a obtenção de um visto, motiva os criminosos e terroristas.[11] A migração global também proporciona uma rede transnacional de apoio financeiro a grupos terroristas. Os "Tigres de Tamil" do Sri Lanka dependem de contribuições financeiras da África do Sul, do Canadá e Reino Unido[12]

A ameaça do terrorismo transnacional aos estados individuais é relativamente grande. Terroristas podem selecionar alvos na infra-estrutura nacional e seus ataques podem levar ao colapso da ordem civil (até mesmo nas áreas distantes do alvo do ataque). Se terroristas atacam um alvo financeiro, poderiam criar um pânico que, dependendo de onde ocorresse o ataque, propagar-se-ia ao estrangeiro e interferiria nos mercados internacionais. Assim, o chamado "terrorismo virtual" poderia destruir a fonte de poder de uma nação ou destruir tecnologia sensível de informática ou redes por meio do uso de vírus.

Caso continue a tendência do "terrorismo catastrófico", a carnificina humana poderia aumentar consideravelmente. O espectro do uso de armas biológicas ou químicas em ataques terroristas aumenta a possibilidade da destruição humana e social em grande escala.

O fluxo migratório transnacional

A migração transnacional, que foi importante assunto político no século XX, poderá surgir como um dos mais difíceis desafios políticos e sociais do século XXI. Milhões de indivíduos, por motivos de desemprego, pobre-

Foto: Departamento de Defesa

Trabalhadores continuam limpando os escombros depois do bombardeio da Embaixada dos EUA em Nairobi, Quênia.

Em 20 de agosto de 1998, uma quantidade desconhecida de navios e submarinos da Marinha dos EUA, localizados nos mares Vermelho e Arábico, lançaram mais de 79 mísseis num ataque simultâneo sobre supostos alvos terroristas no Afeganistão e Sudão. . . Os ataques foram realizados como parte da reação dos EUA aos ataques terroristas contra as embaixadas americanas no Quênia e na Tanzânia.

za, perseguição política e outros, cruzam fronteiras internacionais em busca de oportunidade ou refúgio. Com a maior parte da futura população global prevista para o terceiro mundo, alguns prevêem que a migração transnacional será um fenômeno ainda maior no século XXI. Atualmente existem cerca de 130 milhões de migrantes internacionais, com uns 25 milhões destes na categoria legalmente definida como refugiados. O número de migrantes internacionais aumenta de três a quatro milhões por ano.[13]

O desafio básico da migração transnacional encontra-se na fundamental realidade de inadequadas vias para a migração legal ou regular. Cada vez mais pessoas desejam deixar seus países nativos em busca de áreas mais prósperas no mundo. Por outro lado, países desenvolvidos — como Austrália, EUA, ou França — estão cada vez menos dispostos a recebê-los legalmente. A única opção que lhes resta então é a entrada ilegal usando de seus próprios recursos ou por intermédio de contrabandistas. Isto fomenta um sentimento anti-imigrante cada vez maior em muitos países, que muitas vezes implementam leis mais restritas contra a migração ilegal e até mesmo a legal.

As maiores exigências de migração transnacional combinadas com oportunidades limitadas de imigração legal fomentam um tráfico transnacional de carga humana. O contrabando humano gera uma renda anual maior que oito bilhões de dólares.[14] Grande número de casos que receberam a atenção da imprensa, como a chegada em 1003 em Nova Iorque do navio *Golden Venture*, que carregava cerca de 300 imigrantes chineses, deixaram claro aos governos que o contrabando humano é um desafio a longo prazo.

Outrossim, a trágica descoberta, em junho de 2000, por oficiais da alfândega britânica, dos corpos de 58 chineses presos em um caminhão de carga em Dover, Inglaterra, destacou o perigo e irresponsável desdém pela vida humana inerente a esse comércio.[15] Como muitas outras empresas criminosas internacionais, o contrabando humano depende muito de empresas colaterais, tais como o mercado negro de vistos e passaportes, a

corrupção de agentes do governo e a lavagem de dinheiro.

Com o crescimento da migração transnacional — em particular as migrações ilegais e em massa — as nações começam a caracterizá-la como um problema de segurança nacional. Alguns temem que a imigração irá alterar o equilíbrio étnico e causar a instabilidade política, enquanto outros culpam os imigrantes por trazerem o crime e as doenças. Ainda outros temem que seus vizinhos possam usar a ameaça da emigração maciça como meio de ganhar concessões políticas e econômicas. O colapso da economia da Albânia em 1997, por exemplo, resultou em uma emigração em massa à Itália. Similarmente, a crise econômica na Indonésia, durante 1998, ocasionou a emigração em massa de milhares de seus cidadãos à Malásia. Em ambos os casos, os governos dos países receptores reagiram desdobrando forças militares.

Claramente, os problemas de segurança transnacional têm crescido. Situações antes consideradas como sendo da alçada da polícia, área de saúde ou trabalhista, agora estão surgindo como ameaças à nação e à estabilidade internacional. Ironicamente, a sua natureza difusa e prolongada tornam esses problemas particularmente perigosos. Doenças infecciosas têm-se espalhado lenta e inexoravelmente, mesmo com o alerta da imprensa internacional. O crime na informática, tráfico de drogas, contrabando humano e as mudanças climáticas são fenômenos que existem e se desenvolvem diariamente, porém raramente observados pela população em geral.

Doença sem fronteiras

Doenças infecciosas têm perseguido a humanidade apesar dos recentes avanços na medicina terem contribuído à percepção de que estas já não representavam uma ameaça séria. Porém, na era da globalização, doenças infecciosas estão surgindo novamente. O crescimento urbano, a migração, o uso abusivo de antibióticos e as mudanças no comportamento sexual são apenas alguns dos fatores que contribuem para o problema. Em 1995, doenças infecciosas foram responsáveis por mais de um terço das 52 milhões de mortes que ocorreram no mundo e o volume foi similar em 1996 e 1997. Em 1997 o mundo testemunhou mais de 60 novas epidemias de infeções já conhecidas e de variedades novas e desconhecidas. Um perito observou que "as doenças infecciosas podem ser a maior ameaça oculta à segurança nacional da era pós-Guerra Fria."[16]

Hoje, epidemias ocorrem em todas partes do mundo com inquietante regularidade. Em Setembro de 1994, por exemplo, o mundo se alarmou com a notícia de uma epidemia de pneumonia em Surat, na Índia. A reação internacional foi imediata e governos mundo afora trataram de fechar suas fronteiras para viajantes vindos da Índia. Meses mais tarde no Zaire, uma epidemia do vírus Ebola matou cerca de 59 pessoas e provocou uma reação internacional similar. Em 1998, a febre dengue alcançou proporções epidêmicas na Indonésia e na Tailândia. Em Março de 1999, o Zimbabwe sofreu uma epidemia de cólera e alguns peritos responsabilizaram o excessivo crescimento urbano, entre outros fatores.[17] A malária é comum na África, América do Sul e no Sudeste Asiático e está sendo disseminada pelos efeitos das mudanças no clima.[18] A tuberculose é outra doença infecciosa que mata centenas de milhares de pessoas por ano. Na África ocorrem mais de 1.6 milhão de novos casos de tuberculose todo ano, com cerca de 600.000 mortes. Na China morrem cerca de 250.000 pessoas de tuberculose todo ano, tornando-a a mais mortífera doença infecciosa do país.[19]

Talvez a mais traiçoeira e destrutiva doença infecciosa é o Síndrome de Imuno-Deficiência Adquirida — SIDA— (*AIDS* nos EUA). Em abril de 2000, a administração do presidente Clinton formalmente designou a SIDA como uma ameaça à segurança nacional. Uma doença que poderia "causar a queda de governos, iniciar guerras étnicas e desfazer décadas de trabalhos de construção de democracias com livre mercados", como relatado no *The Washington Post:*

O Conselho de Segurança Nacional, que nunca antes se envolveu no combate a uma doença infecciosa, está empreendendo uma nova avaliação dos esforços governamentais. O orçamento foi dobrado — $254 milhões de dólares — para combater a SIDA no exterior e criar (em 8 de fevereiro de 2000) um novo grupo na Casa Branca com instruções para "desenvolver uma série de iniciativas para apoiar os esforços internacionais" de combate à doença.[20]

Em dezembro de 1998, haviam mais de 33,4 milhões de pessoas no mundo vivendo com o *HIV* (o vírus que causa a SIDA) ou com a SIDA já desenvolvida, e mais de 2,5 milhões morreram da doença naquele ano. Estima-se que até o ano 2005, mais de 100 milhões de pessoas no mundo irão estar infectadas com *HIV.*[21] A região que claramente tem o maior índice da enfermidade é a África com 10.000 novos casos por dia. Na África Subsaariana, aproximadamente 34 milhões de pessoas foram infectadas pelo *HIV* desde o começo da epidemia.[22] Em países como a Costa do Marfim e o Zimbabwe, a epidemia da SIDA já reduziu a expectativa de vida em mais de dez anos.[23]

Porém, a epidemia da SIDA não se limita à África. Muitos

expertos acreditam que o próximo epicentro da epidemia será a Ásia. Apesar da África Subsaariana ter o maior número de portadores de *HIV*, a Índia é agora considerada o país com maior número de indivíduos infectados com o vírus. Alguns consideram Bangladesh como sendo "uma bomba relógio da SIDA". [24] Mais ao leste, no Camboja, da ordem de 18.000 pessoas contraíram a SIDA desde o começo da epidemia. [25] Na Rússia, um antigo ministro da saúde assegurou que cerca de um milhão de russos seriam *HIV* positivos até o ano 2000. [26] Na Ucrânia, em torno de 110.000 pessoas estão infectadas com o *HIV*. [27]

Na medida em que aumentou a ameaça das doenças infecciosas no mundo, muitos governos encaram-nas como um problema de segurança nacional, não apenas um assunto de saúde pública. Um relatório de inteligência dos EUA advertiu que o público americano encontrava-se cada vez mais sujeito a doenças infecciosas porque o país era "um centro importante de turismo, imigração e comércio", entre outros motivos.[28] Conforme dito anteriormente, a epidemia da SIDA, antes considerada um problema de saúde pública, agora está sendo considerada por funcionários governamentais como assunto de segurança nacional. Um relatório do Departamento de Estado americano advertiu que a epidemia da SIDA está "gradualmente enfraquecendo a capacidade dos serviços militares de defenderem suas nações e manterem a ordem civil." [29] O diretor do Escritório dos Estados Unidos de Política Nacional da AIDS *(US Office of National AIDS Policy)* recentemente observou que ela deveria ser considerada "um assunto econômico fundamental, de desenvolvimento e de segurança e estabilidade."[30] A SIDA e outras enfermidades podem acabar com a economia de um país, com o potencial de contribuir para o desemprego, a redução na estabilidade social e, no pior dos casos, o colapso político. Na Índia, por exemplo, o custo cumulativo da SIDA foi projetado para exceder este ano os $11 bilhões de dólares.[31] No Camboja, o impacto indireto do vírus *HIV* na economia pode alcançar os $2 bilhões de dólares até o ano 2006. [32] Enquanto isso, a África do Sul teme que a epidemia da SIDA possa custar-lhes um por cento do crescimento econômico.[33]

O fenômeno transnacional do meio ambiente

A degradação do meio ambiente continua a persistir como um grande desafio transnacional. Apesar de maior consciência global sobre assuntos ambientais, o meio ambiente continua a se deteriorar, especialmente nos países em desenvolvimento que estão enfrentando a poluição sem precedentes do ar, da terra e da água. Outros problemas ambientais, como a degradação terrestre e a desertificação, estão também se agravando. Hoje, mais de 900 milhões de pessoas no mundo são afetadas pela desertificação e a seca, e esse número irá dobrar até o ano 2025.[34] Milhões de pessoas não têm acesso a água potável por causa da poluição, causada pelo esgoto doméstico, despejos industriais e escoamentos de atividades tais como as de agricultura e exploração mineira.[35]

Os problemas ambientais são de cunho internacional, e a maior evidência disso é a poluição que ultrapassa fronteiras. Em certas regiões do mundo, essa poluição é tão grave que tem gerado tensões entre estados vizinhos. Em meados de 1997, por exemplo, uma crise de grandes proporções ocorreu no Sudeste Asiático. Fogos florestais na Indonésia — causados em parte por excessos da indústria madeireira — criaram uma névoa persistente que cobriu grande parte da região. No princípio, as fontes oficiais da Malásia tentaram amenizar o fenômeno, mas eventualmente tiveram que abandonar a posição de "bom vizinho asiático" e acusar diretamente a Indonésia pelo ocorrido. [36]

As mudanças no clima podem ser um dos maiores desafios ambientais a serem enfrentados pela comunidade mundial. A comprovação sugere que as atividades humanas — especialmente as emissões de carbono — são as principais culpadas. Quando o carbono é solto

A nova tendência, porém, parece ser de violência em grande escala. Causar violência e destruição maciça tem-se tornado uma meta em si, enquanto o desejo por publicidade evidentemente tornou-se secundário. Quando membros do culto religioso japonês* Aum Shin Rikyo *lançaram gás* sarin *dentro do sistema de trem subterrâneo de Tóquio em 1995, sua intenção era de matar milhares de pessoas, embora apenas 12 pessoas morressem e 5.000 ficassem feridas. Similarmente, a explosão, em 1993, no* World Trade Center *em Nova Iorque evidenciou o desejo dos terroristas de matarem milhares, apesar do número de feridos ter sido relativamente baixo. Na medida em que a violência maciça tem-se tornado objetivo do terrorismo moderno, a possibilidade de ameaça do terrorismo nuclear pode levar a magnitude da destruição física e humana a um nível jamais visto.

durante o processo de combustão, forma dióxido de carbono que capta calor na atmosfera, causando o aumento de temperaturas na superfície terrestre. A vazão de carbono continua em países ricos e desenvolvidos, mas menos do que no passado. O oposto é encontrado nos

A epidemia da SIDA está "gradualmente enfraquecendo a capacidade dos serviços militares de defenderem suas nações e manterem a ordem civil." O diretor do Escritório dos Estados Unidos de Política Nacional da AIDS* (US Office of National AIDS Policy) *recentemente observou que ela deveria ser considerada "um assunto econômico fundamental, de desenvolvimento e de segurança e estabilidade." A SIDA e outras enfermidades podem acabar com a economia de um país, com o potencial de contribuir para o desemprego, a redução na estabilidade social e, no pior dos casos, o colapso político. Na Índia, por exemplo, o custo cumulativo da SIDA foi projetado para exceder este ano os $11 bilhões de dólares. No Camboja, o impacto indireto do vírus* HIV *na economia pode alcançar os $2 bilhões de dólares até o ano 2006. Enquanto isso, a África do Sul teme que a epidemia da SIDA possa custar-lhes um por cento do crescimento econômico.

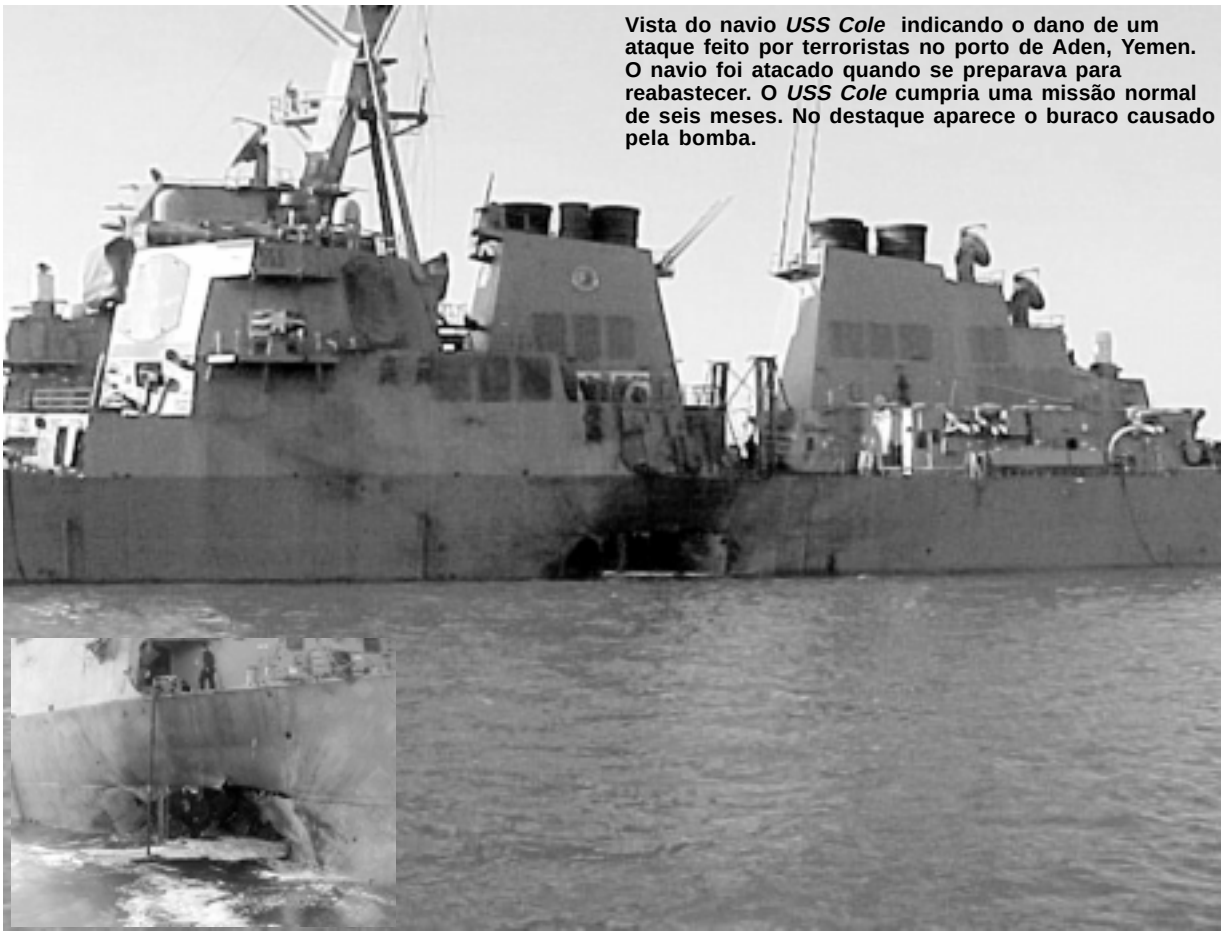
países em desenvolvimento, onde as emissões de carbono estão crescendo significativamente. O Brasil, a Índia e Indonésia aumentaram suas emissões de carbono em 20, 28 e 40 por cento respetivamente de 1990 a 1995. [37]

A degradação ambiental apresenta uma série de desafios à segurança da nação. Primeiro, existem os efeitos sobre a saúde já que a degradação ambiental leva a aumentos nos casos de câncer, doenças do coração e outras enfermidades. A poluição transfronteiriça pode também ser considerada uma ameaça à segurança das nações receptoras, forçadas a aceitarem a poluição de um país vizinho. Muitas nações do Pacífico Sul consideram as mudanças climáticas e o aquecimento global como as maiores ameaças às suas seguranças nacionais. As marés altas, resultados de mudanças no clima, poderão dizimar algumas nações, resultando em um grande número de refugiados ambientais que irão buscar refúgio em países vizinhos. Os mares mais altos serão um grande desafio para regiões costeiras já que estas contêm mais de três bilhões de pessoas através do mundo. [38] As mudanças no clima também aumentarão o número de eventos climáticos do tipo *El Niño* e irão estimular outras alterações nos padrões climáticos que poderão resultar em mais tempestades violentas. Estas serão especialmente prejudiciais a países em desenvolvimento e podem representar danos à economia, a longo prazo. O furacão *Mitch*, por exemplo, quase acabou com as economias de Honduras e da Nicarágua, causando uns $5,4 bilhões de dólares em danos na infra-estrutura e agricultura. [39] As inundações em Moçambique, em março de 2000, quase acabaram, a curto prazo, com toda a esperança de crescimento econômico. A instabilidade econômica resultado de mudanças no clima pode também interferir na estabilidade política dos estados afetados.

Emprego das forças armadas contra as ameaças à segurança transnacional: Uma resposta adequada?

Com o aumento das ameaças à segurança transnacional, muitos governos ficam cada vez mais inclinados a desdobrarem forças militares em papéis preventivos ou após um evento de grandes proporções ou desastres. Em muitos casos, os países irão contar com suas forças militares apenas depois de perceberem que a ameaça em questão seria demasiada para instituições como a polícia ou a saúde pública, normalmente encarregadas de tal incumbência. Por exemplo, os EUA têm desdobrado tropas militares em missões contra o tráfico de drogas ao longo da fronteira com o México, ao invés de depender apenas da polícia. A Tailândia depende em grande parte de tropas militares para combater a migração ilegal e o contrabando de drogas em suas regiões nordestinas, especialmente ao longo da fronteira com Myanmar. Em 1995, a Itália desdobrou cerca de mil soldados quando teve que enfrentar a entrada maciça de imigrantes ilegais albaneses. Em 1998, o Brasil empregou dois mil militares para combater a epidemia de febre da dengue que afetou mais de seis mil pessoas. Forças militares também foram desdobradas na Indonésia, em 1997, para combater fogos florestais que contribuíram à névoa que cobriu quase todo o Sudeste Asiático. Como indicam esses exemplos, os desdobramentos militares estão aumentando contra situações que ameacem a segurança transnacional.

De qualquer forma, à medida que os governos desdobram forças militares para combater ameaças transnacionais, fomentam o debate sobre a adequação desse tipo de medida. Essencialmente, o debate coloca os que apóiam um envolvimento militar em tais



Vista do navio *USS Cole* indicando o dano de um ataque feito por terroristas no porto de Aden, Yemen. O navio foi atacado quando se preparava para reabastecer. O *USS Cole* cumpria uma missão normal de seis meses. No destaque aparece o buraco causado pela bomba.

Foto: Departamento de Defesa

O terrorismo transnacional foi um grande desafio do século XX e provavelmente continuará sendo ainda mais no século XXI. Motivados por ideologia política, separatismo nacionalista ou fanatismo religioso, terroristas no século XXI estarão mais determinados que nunca a causar destruição maciça e carnificina humana para avançarem suas causas particulares.

missões contra os que se opõem. Alguns dos principais argumentos de cada ponto de vista são resumidos a seguir.

A favor do emprego das FA

Os proponentes do desdobramento militar argumentam que as ameaças contra a segurança transnacional são os maiores desafios aos Estados-Nação no século XXI e, dada esta realidade, é natural e apropriado depender das forças armadas para enfrentá-las. Alguns afirmam que na era pós-Guerra Fria, a noção de segurança deve agora incluir situações que terão um impacto direto sobre a estabilidade do estado e o bem estar do indivíduo.

Em alguns países, as ameaças transnacionais à segurança representam uma maior ameaça à estabilidade política que a apresentada por ameaças militares tradicionais, provenientes de estados inimigos. O Paquistão, por exemplo, enfrenta maiores conseqüências pela entrada de narcóticos e armas portáteis do vizinho Afeganistão — e concomitante violência, do que qualquer ameaça nuclear ou militar proveniente da Índia. Como as forças militares são o instrumento fundamental do estado para manter sua segurança, é lógico que elas sejam usadas para combater tais ameaças. Outrossim, os problemas transnacionais mais prováveis no futuro — migração maciça, endênias, catástrofes do meio ambiente — irão exigir uma reação concreta por parte do estado. Em geral, somente o serviço militar tem a habilidade de reagir com suficiente rapidez e os recursos adequados.

Outro argumento a favor do envolvimento militar

refere-se às ameaças transnacionais em si. Geralmente, ameaças transnacionais são criadas por atores não governamentais, mas existem ocasiões nas quais os governos estão por trás de eventos relacionados à segurança transnacional. Existem provas de que a Coréia do Norte facilita o tráfico de narcóticos e a lavagem de dinheiro. De modo semelhante, funcionários da Tailândia afirmam que a pirataria marítima é muitas vezes apoiada por funcionários do Vietnã. Além disso, os eventos de migração maciça nem sempre são tão por acaso como caracterizados pela imprensa. Têm havido situações — como o êxodo do porto de Mariel em Cuba, em 1980 — nas quais uma nação encorajará a migração em massa para desestabilizar ou atormentar um país vizinho.

Alguns funcionários da área de saúde temem que a epidemia maciça de uma doença infecciosa poderia ser precipitada por um ataque terrorista biológico orquestrado (talvez indiretamente) por um governo hostil. Mais amplamente, uma publicação estratégica chinesa incentivava o país a se envolver numa "guerra sem restrições" contra os EUA, empregando várias ameaças transnacionais tais como a desinformação e guerra biológica, contrabando de drogas, ataques ao meio ambiente e outros tipos de técnicas assimétricas de guerra.[40] Esses vários exemplos sugerem que seria imprudente que um governo tratasse as ameaças transnacionais como assuntos de mera importância da polícia ou de saúde pública. Consequentemente, uma reação prudente seria que os governos se preparassem para usar suas forças militares para lidar com esses tipos de ameaças.

Contra o emprego das FA

Por outro lado, existem os que argumentam que as forças armadas não devem ser usadas nesses tipos de operações, não obstante a seriedade da situação. Muitas nações têm e mantêm uma tradição de evitar o uso de forças militares em tarefas de não combate, exceto durante as piores emergências. Esta atitude é mantida até quando as forças militares são bem-sucedidas em missões humanitárias que lhes rendem popularidade junto à população em geral. O Exército da Índia, por exemplo, teme que operações humanitárias durante desastres gerem a fadiga e que desviem o serviço militar de seu papel fundamental de defesa externa.[41] Os oficiais militares indianos têm pedido ao governo para equipar as agências civis encarregadas de lidarem com tais emergências e, assim, permitir o militar dedicar-se exclusivamente aos assuntos de defesa. Sentimentos similares existem entre os militares norte-americanos. Referindo-se ao aumento de forças militares americanas em operações humanitárias, um escritor observou, "O propósito do serviço militar dos EUA é lutar e vencer as guerras da nação. Inevitavelmente, oficiais treinados neste sentido considerarão operações humanitárias como sendo uma atividade secundária."[42]

Em geral, o argumento contra o emprego de forças militares baseia-se em questões práticas. Primeiro, existem temores de que tais operações interfiram com a prontidão operacional — como exemplo, organizações militares acostumadas a operarem num campo de refugiados podem perder parte das habilidades de combate necessárias numa guerra. Existem também as considerações dos gastos, que drenam os orçamentos militares. Desdobrar tropas contra o crime organizado ou ameaças ao meio ambiente, por exemplo, custam enormes somas em dinheiro e podem desviar fundos normalmente destinados ao adestramento e equipamento militares. Outras objeções incluem o temor de possível corrupção nas tropas que possam ser desdobradas em missões contra o tráfico de drogas, onde milhões de dólares entram em jogo. Outrossim, existem legítimas questões sobre erros de cálculo e reações exageradas, especialmente quando tropas militares são usadas em tarefas policiais. Um exemplo disso foi o caso de um erro de cálculo ocorrido em maio de 1997, quando um jovem cabo fuzileiro naval, que patrulhava em busca de traficantes de droga na fronteira entre os EUA e o México, acidentalmente atirou em um cidadão americano, pastor de um rebanho de cabras. Apesar de que um júri de acusação concluiu que isso havia sido "um razoável ato de defesa", funcionários do Pentágono abruptamente interromperam as missões. [43] Pode-se facilmente imaginar uma cena similar que ocorra com tropas desdobradas para vigiar fronteiras nacionais contra os imigrantes ilegais. Por esses e outros motivos, muitos planejadores militares acreditam que as forças armadas não são apropriadas para esses tipos de missões.

Um possível "meio termo"

Uma das maneiras com que o governo pode encarar o problema é considerar planos alternativos que considerem as argumentações dos proponentes e oponentes à intervenção militar em problemas transnacionais. Por exemplo, uma possível solução poderia ser que os governos designassem uma determinada divisão de suas forças militares para o emprego específico contra esses problemas, assim permitindo o enfoque das demais forças apenas em missões de guerra. Alternativamente, os governos poderiam considerar a criação de organizações militares dentro de agências civis — como ministérios de imigração e do meio ambiente — para lidarem com problemas transnacionais. Membros dessas agências especializadas "dentro da agências" poderiam até ter adestramento militar para adquirir certas habilidades específicas e relevantes.

Alguns países já estão considerando tais opções de maneira mais apropriada às suas necessidades domésticas,

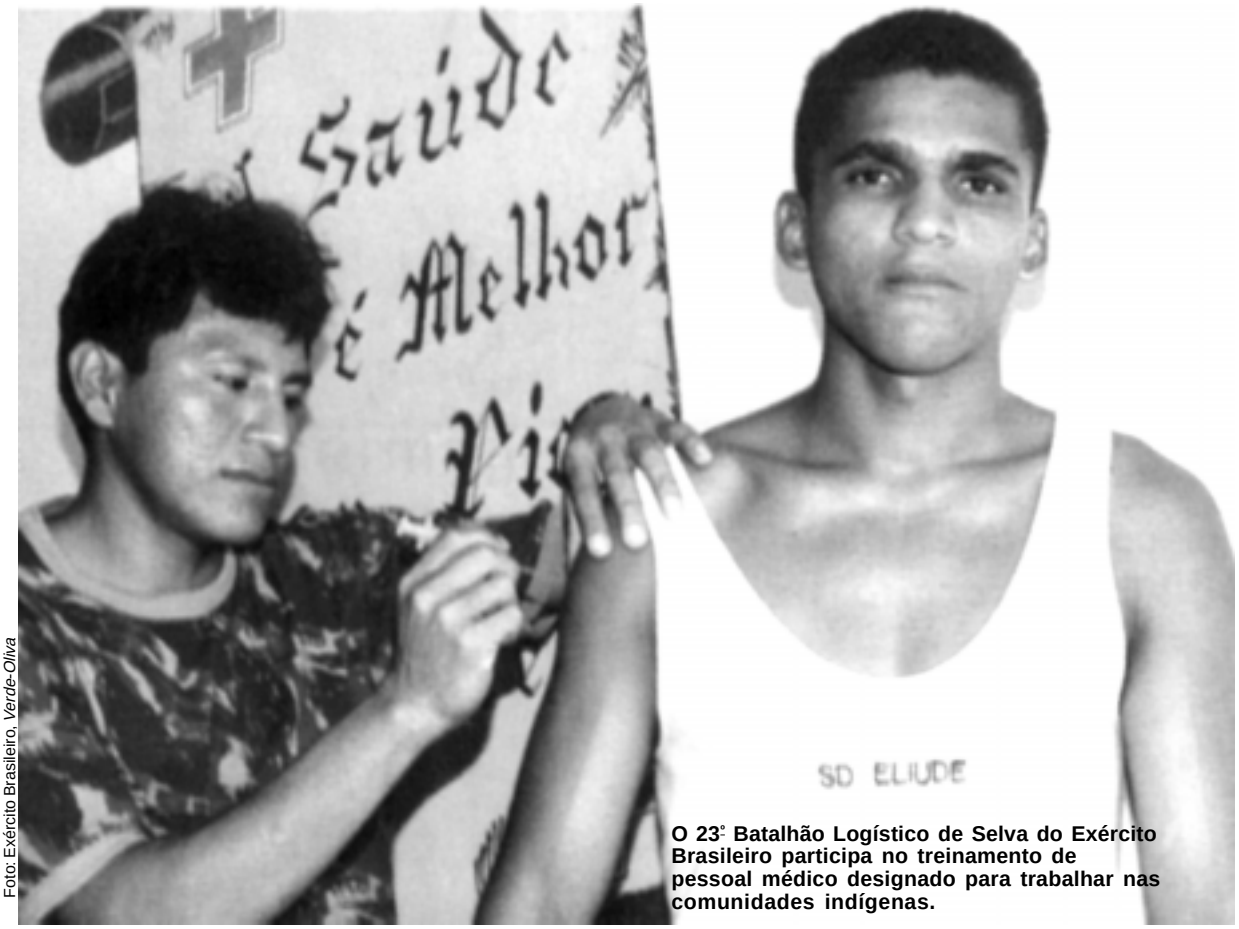


Foto: Exército Brasileiro, *Verde-Oliva*

O 23° Batalhão Logístico de Selva do Exército Brasileiro participa no treinamento de pessoal médico designado para trabalhar nas comunidades indígenas.

Em 1995, a Itália desdobrou cerca de mil soldados quando teve que enfrentar a entrada maciça de imigrantes ilegais albaneses. Em 1998, o Brasil empregou dois mil militares para combater a epidemia de febre da dengue que afetou mais de seis mil pessoas. Forças militares também foram desdobradas na Indonésia, em 1997, para combater fogos florestais que contribuíram à névoa que cobriu quase todo o Sudeste Asiático. Como indicam esses exemplos, os desdobramentos militares estão aumentando contra situações que ameaçam a segurança transnacional.

sua cultura e situação financeira. A Austrália, por exemplo, vem contemplando a criação de uma guarda costeira que seria vocacionada a lidar com problemas transnacionais além de outros marítimos. Porém, as limitações financeiras podem inibir tais propostas. Problemas transnacionais são muitas vezes episódicos e esporádicos e difíceis de se prever. Os países com falta de verbas podem determinar que seria impraticável criar mais agências e investir em treinamento militar para combater tais ameaças.

Conclusão

Claramente, os problemas de segurança transnacional têm crescido. Situações antes consideradas como sendo da alçada da polícia, área de saúde ou trabalhista, agora estão surgindo como ameaças à nação e à estabilidade internacional. Ironicamente, a sua natureza difusa e prolongada tornam esses problemas particularmente perigosos. Doenças infecciosas têm-se espalhado lenta e inexoravelmente, mesmo com o alerta da imprensa internacional. O crime na informática, tráfico de drogas, contrabando humano e as mudanças climáticas são fenômenos que existem e se desenvolvem diariamente, porém raramente observados pela população em geral. Somente quando ocorre alguma notícia digna de atenção — a intercepção de um navio com carga de contrabando humano ou um mortífero ataque terrorista — é que os governos decidem reagir decisivamente. Quando tais eventos

acontecem, líderes governamentais, temendo a aparente posição indefesa, são tentados a se valerem das forças militares para enfrentarem o problema.

Para líderes militares o dilema está cada vez mais claro. Por um lado está o imperativo de manter uma prontidão para o caso de uma guerra, particularmente porque ameaças mais tradicionais provavelmente não irão dissipar-se a curto prazo. Por outro lado, esses líderes devem reconhecer que as ameaças transnacionais vão exigir cada vez mais atenção e recursos das forças armadas. Os governantes podem tentar criar agências especializadas para aliviar a carga militar. Mas isto acontecerá apenas quando os Estados-Nação reconheçam os problemas transnacionais como sendo ameaças iminentes contra suas seguranças. Até que esse reconhecimento ocorra, os líderes militares devem estar preparados para enfrentarem os desafios crescentes da segurança transnacional. ***MR***

Referências

1. Conferência com o Secretário de Defesa Cohen e o General Hugh Shelton, Chefe da Junta de Chefes de Estado-Maior/EUA, (*Joint Chiefs of Staff, Federal News Service),* 20 de agosto de 1998.

2. Richard H. Ullman, "Redefining Security," em Sean M. Lynn-Jones e Steven E. Miller, "Global Dangers: Changing Dimensions of International Security" (Cambridge: MIT Press, 1995), p. 19.

3. Roy Godson e Phil Williams, "Strengthening Cooperation Against Transnational Crime," *Survival,* Outono de 1998.

4. Douglas Farah, "*Russian Mob, Drug Cartels Joining Forces; Money-Laundering, Arms Sales Spreading Across Caribbean," The Washington Post*, 29 de setembro de 1997, p. A1.

5. Diane Coyle, "*Drugs Trade `the third largest economy," The Independent* (Londres), 22 de fevereiro de 1999, p. 7.

6. Testemunho de Donnie Marshall, Vice-Diretor do *Drug Enforcement Agency (DEA*), à *House International Relations Committee*, relatório do *Federal Document Clearing House Congressional Testimony*, 3 de março de 1999. Veja também, *Prepared Testimony by Benjamin F. Nelson, Director, International Relations and Trade Issues, National Security and International Affairs Division*, perante a subcomissão *House Government Reform Committee Criminal Justice, Drug Policy and Human Resources*, relatório do *Federal News Service,* 4 de março de 1999.

7. "China: O Yunnan resolve 1.371 casos de tráfico de drogas," *China Business Information Network,* 9 de junho de 1997.

8. Mark Galeotti, "Boom Time for the Russian `Protectors,'" *Jane's Intelligence Review*, 1 de agosto de 1997, p. 339.

9. Testemunho preparado por Barry R. McCaffrey, Diretor, *Office of National Drug Control Policy*, perante o *Senate Armed Services Committee*, relatório do *Federal News Service,* 27 de abril de 1999.

10. " Mafia Russa usa Região Pacífica como Base para Lavagem de Dinheiro: *OECD*," *Agence France Presse,* 11 de fevereiro de 1999.

11. "Visa Program is Seen to Aid Illegal Entry," *The New York Times*, 28 de junho de 1999, p. A14.

12. Veja Rohan Gunaratna, "LTTE Chase the Propaganda War in the ANC's South Africa," *Jane's Intelligence Review*, 1 de abril de1999; veja também Rohan Gunaratna, "LTTE Fundraisers Still on the Offensive," *Jane's Intelligence Review*, 1 de dezembro de 1997, p. 567; "Sri Lanka `Concerned' Over Fund-Raiser in Canada for Tamil Rebels," *Deutsche Presse-Agentur*, 11 de maio de 2000.

13. Philip Martin e Jonas Widren, "International Migration: A Global Challenge," *Population Bulletin*, abril de 1996, p. 2.

14. Veja comentário da Comissária do Serviço de Imigração e Naturalização dos EUA Doris Meissner, "Putting Immigration Lawbreakers on Notice," *The Des Moines Register*, 26 abril de 1999, p. 7.

15. Sonia Purnell e Mark Rowe, "Two Charged Over Dover Lorry Tragedy," *The Independent* (London), 25 de junho de 2000, p. 8.

16. Dennis Pirages, "Microsecurity: Disease Organisms and Human Well-Being," *The Washington Quarterly*, 18 (Outono de 1995), 5.

17. "Zimbabwean Cholera Epidemic Swells," *Deutsche Presse-Agentur*, 23 de março de 1999.

18. Pim Martens, "How Will Climate Change Affect Human Health?" *American Scientist*, 1 de novembro de 1999, p. 534.

19. "Ministério de Saúde da China afirma que 250.000 morrem anualmente de tuberculose," *BBC Summary of World Broadcasts*, 19 de março de 1999.

20. Barton Gellman, "AIDS Is Declared Threat to Security," *The Washington Post*, 30 de abril de 2000, p. A1, Internet, http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/articles/A40503-2000Apr29.html, acessado em 3 de julho de 2000.

21. Declaração preparada de Sandra Thurman, Diretora, Office of National AIDS Policy, *Federal News Service*, 8 de março de 2000.

22. "AIDS in Africa," *UN Fact Sheet*, Johannesburg, 30 de novembro de 1998, Internet, www.unaids.org/highband/fact/saepap98.html.

23. "The Economics of AIDS Policy," *World Bank Policy and Research Bulletin*, 9 (janeiro-março 1998).

24. "Epidemiology: Bangladesh Faces AIDS Explosion," *AIDS Weekly Plus*, 18 de janeiro de 1999.

25. "Cambodia Gripped by Worsening HIV Epidemic," *Japan Economic Newswire*, 10 de fevereiro de 1999.

26. "Pointers," *Foreign Report* (Jane's Information Group), 28 de janeiro de 1999.

27. David Brown, "UN Warns of AIDS Virus `Explosion' in East Europe," *International Herald Tribune*, 23 de abril de 1998.

28. Relatório afirma "Disease Threat Growing in U.S., NIE ," *The Deseret News* (Salt Lake City, Utah), 2 de fevereiro de 2000.

29. *U.S. International Response to HIV/AIDS* (Washington: Departamento de Estado, janeiro de 1999), Internet, http://www.state.gov/www/global/oes/health/1999_hivaids_rpt/contents.html, acessado 3 de julho de 2000.

30. Declaração preparada de Sandra Thurman, Diretora, Office of National AIDS Policy, *Federal News Service*, 8 de março de 2000.

31. "India has the Largest Number of People Infected with HIV," *The Lancet,* 2 de janeiro de 1999.

32. "Cambodia Gripped by Worsening HIV Epidemic," *Japan Economic Newswire*, 10 de fevereiro de 1999.

33. *U.S. International Response to HIV/AIDS*.

34. Ver o quadro "Global Environmental Issues," *no capítulo 4* de *Entering the 21st Century: World Development Report 1999/2000* (New York: Oxford Univ. *Press for the World Bank*, 1999), p. 88.

35. "*Asia and the Pacific: Major Environmental Concerns" (Capítulo 2*), *Global Environment Outlook-1: United Nations Environment Programme, Global State of the Environment Report 1997*, Internet, http://www.unep.org/unep/eia/geo1/ch/ch2_5.htm, acessado em 3 de julho de 2000.

36. Ian Stewart, "Drivers Must Share Blame for Hazy Days," *South China Morning Post*, 5 de setembro de 1997, p. 15.

37. Lester R. Brown, et al., *Vital Signs 1997—The Environmental Trends that are Shaping Our Future* (New York: W. W. Norton & Company, 1997).

38. *World Disasters Report 1999* (Geneva: International Federation of Red Cross and Red Crescent Societies, 1999), pp. 10-14.

39. James C. McKinley, Jr., "The Hurricane is History, but for Battered Honduras the Agony Lingers," *The New York Times*, 25 de dezembro de 1998, p. A6.

40. John Pomfret, "China Ponders New Rules of `Unrestricted War,'" *The Washington Post*, 8 de agosto de 1999, p. A1.

41. Mahesh Uniyal, "Environment—India: Earthquake or Flood, Call in the Army," *Inter Press Service*, 12 de abril de 1999.

42. John E. Lange, "Civilian-Military Cooperation and Humanitarian Assistance: Lessons from Rwanda," *Parameters*, 28 (Verão de 1998), 106.

43. Sam Howe Verhovek, "No Charges Against Marine in Border Killing," *The New York Times*, 15 de agosto de 1997, p. A14.

Paul J. Smith é pesquisador da Asia-Pacific Center for Security Studies, *em Honolulu, no Havaí. Sua pesquisa se concentra em assuntos de segurança transnacional, com particular interesse em migração internacional e assuntos de refugiados. É editor da* Human Smuggling; Chinese Migrant Trafficking *e* The Challenge to America´s Immigration Tradition *(Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais,1997). Também contribuiu com um capítulo sobre a migração internacional para o livro* Fires Across the Water *(Conselho sobre Relações Exteriores, 1998) e publicou vários artigos sobre assuntos de migração internacional. O Sr. Smith é bacharel pela* Washington and Lee University, *mestre pela Universidade de Londres e formou-se em direito pela Universidade do Havaí.*